

Artigo

## O fim do começo: uma breve análise do fim da história e o começo da idade da técnica nos escritos de Umberto Galimberti

*The end of the beginning: a brief analysis of the end of history and the beginning of the technical age in the writings of Umberto Galimberti*

Deise Silva de Castro<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Licenciada em Filosofia pela PUCRS. Porto Alegre/RS. Mestranda em Filosofia (PUCRS/CAPES). ORCID: 0009-0002-5483-6543. E-mail: deise.castro@edu.pucrs.br.

Submetido em: 02/04/2025, revisado em: 05/06/2025 e aceito para publicação em: 13/06/2025.

**RESUMO:** O presente artigo tem a intenção de analisar a relação entre técnica, história e cultura a partir da perspectiva do autor Umberto Galimberti, evidenciando a influência da técnica nas transformações da sociedade contemporânea. Segundo essa perspectiva, a técnica não apenas serve como meio, mas também se torna um fim em si mesma, priorizando a eficiência e a funcionalidade em detrimento da preservação da identidade cultural. A obra que servirá de base para a pesquisa é *Psiche e Techne: O Homem na Idade da Técnica* (2006), e o estudo será conduzido por meio de uma abordagem de natureza básica, com pesquisa puramente bibliográfica. A investigação propõe um percurso hermenêutico para explorar com clareza a visão galimbertiana, sendo estruturada em três partes principais: (i) Discute-se a conexão entre tempo e história, diferenciando o tempo enquanto percepção cultural e a história como uma narrativa construída; (ii) Aborda-se o “tempo dos deuses” e o “tempo dos humanos”, refletindo sobre a transição marcada pela técnica e o consequente afastamento do sagrado; (iii) Explora-se a “idade da técnica”, em que a funcionalidade técnica esvazia o significado da história, reduzindo-a a um fluxo indiferente no tempo e comprometendo sua essência enquanto narrativa significativa.

**Palavras-chave:** Tempo; Técnica; História; Identidade Cultural.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the relationship between technique, history and culture from the perspective of the author Umberto Galimberti, highlighting the influence of technique on the transformations of contemporary society. From this perspective, technique not only serves as a means, but also becomes an end in itself, prioritizing efficiency and functionality over the preservation of cultural identity. The work that will serve as the basis for the research is *Psyche and Techne: Man in the Age of Technique* (2006), and the study will be conducted using a basic approach, with purely bibliographical research. The research proposes a hermeneutic path to clearly explore the Galimbertian vision, and is structured in three main parts: (i) The connection between time and history is discussed, differentiating time as a cultural perception and history as a constructed narrative; (ii) The “time of the gods” and the “time of humans” are addressed, reflecting on the transition marked by technique and the consequent distancing from the sacred; (iii) The “age of technique” is explored, in which technical functionality empties the meaning of history, reducing it to an indifferent flow in time and compromising its essence as a meaningful narrative.

**Keywords:** Time; Technique; History; Cultural Identity.

### 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Seria impossível falarmos sobre técnica sem reconhecer que a humanidade passou por grandes evoluções e ainda passa por constantes mudanças. Isso implicando que a história que hoje conhecemos é profundamente influenciada pela cultura, alterando de forma relevante a forma como entendemos nossa identidade.

De acordo com a visão sobre técnica de Umberto Galimberti, com a globalização que a técnica introduz em nossa sociedade, o objetivo da tecnicidade nunca foi preservar a identidade cultural, mas, sim, com a eficiência que a técnica incorpora, gerar funcionalidade e produtividade. A obra de Galimberti intitulada como *Psiche e Techne: O Homem na Idade da Técnica* (2006), propõe à nós leitores uma visão antropológica da técnica, desafiando a tradicional separação entre natureza e cultura. Sendo a técnica parte integrante da condição humana, não podemos dissociá-la da nossa existência. No entanto, Galimberti vai mais longe em suas reflexões, e afirma que a técnica não é apenas um meio, mas tornou-se, em nosso tempo, um fim em si mesma.

O artigo é dividido em três partes. Na primeira, (i) O tempo e a história, colocamos em relevo o modo como a história é esta entrelaçada com a cultura. A partir das reflexões de Galimberti, fica claro que a experiência do tempo é o que define a civilização. História e tempo são distintos; o tempo sendo uma percepção cultural e a história uma ação induzida pela narração. Também exploramos como a história se dá no tempo, sendo um registro passivo do passado, ou uma construção ativa do presente, refletindo essas ações a partir da visão que temos hoje enquanto sociedade.

No segundo capítulo, intitulado (ii) O tempo dos deuses e o tempo dos humanos, exploramos a distinção entre esses dois tempos, elaborando uma reflexão a partir da ideia de historiador segundo Heródoto. Destacamos o papel dos poetas nesse contexto antropológico e como a técnica marcou a despedida dos humanos em relação à divindade, trazendo a partir dessa ótica uma eficiência e funcionalidade a respeito da execução das coisas no mundo.

Para encerrar a análise, avançamos para o último capítulo, (iii) Idade da técnica e a história, no qual expomos o argumento galimbertiano de que a história, ao longo do

tempo, perdeu parte do seu significado devido a era da técnica. Transformando-se a técnica em funcionalidade, a história perde seu horizonte de sentido, passando a ser apenas parte do tempo em seu fluir indiferente, o que a descaracteriza enquanto narrativa.

## 2. O TEMPO E A HISTÓRIA

Como ponto de partida, colocamos em relevo a perspectiva de Umberto Galimberti, segundo a qual a história parte de uma cultura. Com a cultura formada através de um processo dinâmico e multifacetado, envolvendo diversos fatores interligados em uma determinada civilização, forma-se uma experiência única do tempo. Nesse sentido, “toda civilização é definida pela experiência que faz do tempo, uma experiência que oferece o horizonte a partir do qual torna-se compreensível o modo de pensar e o sentido do agir dessa determinada civilização”. (Galimberti, 2006, p. 571). É importante esclarecer que, ao nos referimos ao tempo, não estamos necessariamente falando sobre a história, cuja característica essencial é de ser induzida pela ação.

A ação histórica, entretanto, é ação narrada. Na afirmação de que “a história se constitui no ato da sua narração (...)” (ibidem) é indicada a profunda reflexão a respeito da relação entre uma narrativa individual e a construção da história coletiva. Neste ponto, Galimberti convida-nos a refletir sobre a relação entre a história e a técnica, deixando claro que a história não é um registro passivo ou objeto do passado, mas uma construção do presente.

Nesse sentido, a história enquanto ação é também uma visão. Deste modo, “‘História’ é uma palavra grega que deriva da raiz indo-europeia *oida*, que significa ‘ver’. A mesma raiz liga-se ao termo sânscrito *veda* que significa ‘sabedoria’.” (Ibidem, p. 572). Em outras palavras, a origem do termo “história” remete ao ato de ver, de modo que ela depende de alguém capaz de afirmar “eu vi”, pois a transformação da história em realidade exige a presença de um testemunho. É nesse ponto que se configura a *veda*, derivada da máxima que atribui sabedoria àqueles que detêm a visão. Émile Benveniste argumenta:

O valor próprio da raiz *wid-*, em cuja série se coloca o grego *hístōr*. Fica esclarecido na regra enunciada no *atapatha-brahmana*: se dois homens disputam (têm um litígio) dizendo: um, “eu vi”; e o outro, “eu ouvi”, aquele que diz “eu vi” é a pessoa na qual devemos acreditar. (Benveniste apud Galimberti, 2006, p. 572).

Na Grécia antiga, os litigantes recorriam ao historiador para obter sentenças. Essa prática demonstra a íntima relação entre a figura do historiador e a justiça (*dike*), evidenciando a importância da racionalidade na busca por resoluções justas. No segundo livro da *Ilíada*, Homero (2005) destaca a relevância das musas, filhas da memória (*mnemossýne*). Ao contrário de simples guardiãs do passado, as musas detêm o domínio do presente e do futuro, tecendo a narrativa do mundo em um ritmo que transcende o tempo linear. Nesse sentido, a memória não se limita a uma mera viagem ao passado. Memorar, nesse contexto,

significa “ver” com clareza e profundidade, compreendendo os eventos e suas conexões como presente e o futuro. Se falarmos do ser humano, a visão, por outro lado, se inicia com a pesquisa e o estudo do passado. Através da análise de fatos que já não existem no presente, buscamos compreender o mundo atual e suas origens. Portanto, estudar o passado não se resume a reviver memórias, mas sim a utilizá-las como ferramentas para questionar o presente e construir um futuro melhor. A história, nessa perspectiva, serve como guia para a reflexão e a ação:

A pesquisa do historiador é uma reconstrução dos fatos, tornada possível, como diz Heródoto, em primeiro lugar pela visão direta (*ópsis*), em seguida pelo que ele aprendia de outros, diretamente ou mediamente (*logós, gnóme*). Como recuperação do passado, tornada possível pela pesquisa a visão do historiador é radicalmente diferente da visão da Musa que vê tudo como presente. Para a Musa recordar significa “ver”; para o historiador significa “indagar” (...). (Galimberti, 2006, p. 573).

A história, vista pelo ser humano, não somente traz o registro do passado, mas, também, por meio da ação, contextualiza a inovação que a técnica expressa em nosso presente. Além disso, podemos questionar-nos através da filosofia de Galimberti sobre a possibilidade que um animal irracional se reconheça na história, considerando que, para compreendê-la, é preciso fazer parte de uma cultura, e para se ter cultura, é necessário estar inserido em uma sociedade; e para a formação de uma sociedade, é preciso a capacidade de se ter o *logos*. Assim, vai tornando-se evidente a especificidade da reflexão histórico-antropológica sobre a técnica como condição do próprio surgimento do homem enquanto ente racional. Não seria, nesse sentido, por meio da razão que a técnica foi criada, mas foi a técnica que serviu de instrumento para que o ser humano desenvolvesse sua própria habilidade de pensar. Em síntese, com esse fator instrumental, o ser humano fez dela uma bengala para sua sobrevivência e evolução:

A pesquisa “eidética” que busca a essência do homem, é uma pergunta levantada pela reflexão, depois de rejeitar a sua origem como simples reflexão de ação. Na autonomia assim alcançada, a reflexão busca na cultura, na moral, na política, nos valores – em suma, nas chamadas “expressões do espírito” – aquela diferença em relação ao animal que faz do homem um homem, sem nem mesmo suspeitar que cultura, moral, política, valores, antes de serem expressões do “espírito”, são condições da existência (...). (Galimberti, 2006, p. 104).

Diferentemente do que se pensa com frequência, de acordo com Galimberti, o ser humano não se distingue do animal irracional porque é mais “evoluído”, mas sim porque sua evolução só teve êxito devido a escolha entre a necessidade e desejo, que o levou ao agir. (Galimberti,

2006, p. 81-82). Em meios aos acertos e erros que se apresentavam no caminho, surgiu a capacidade de analisar, questionar e organizar certos eventos, fazendo com que o ser humano se tornasse mais adaptado – tecnicamente – do que os demais animais.

Nesse contexto, Galimberti introduz uma reflexão sobre a teoria da ação a fim de compreender como o aparato antropológico deu início à habilidade de se distanciar do imediatismo, passando a criar procedimentos que se valem das faculdades mentais, fazendo do mundo um instrumento no qual possa moldar e criar a partir do meio técnico, a resposta para suas ações. Em outras palavras, a técnica é inerente à ação humana precisamente em sua capacidade antecipatória e produtiva. Sobre esse ponto, esclarece Ismar Soares (2010): “Para Galimberti, na verdade, não há diferença entre natureza e cultura, levando em conta que, antropológicamente, a técnica – que é o elemento que possibilitou a cultura – é naturalmente constitutiva do homem. Não há homem sem técnica.”. Em outras palavras, a ação faz com que tiremos da mente o que antes era apenas objetos preexistentes, mas agora, por meio da *techné*, passa a ser objeto de estudo, portanto, história:

Quando a ação atraca no mundo (*Welt*), que, diferentemente do que é o ambiente (*Um-welt*) para o animal, não está organizado em função da vida do homem, produz – quando é ação bem-sucedida – aquelas condições de existência que são os “objetos úteis a...”. A resposta positiva do objeto às necessidades do organismo é o que retira do objeto do estatuto indiferente de coisa para inscrevê-lo no horizonte do significado, criando, junto com os objetos tomados “significativos”, o ambiente humano que, portanto, não preexiste, como no caso do animal, à ação, mas é por esta criado. (Galimberti, 2006, p. 182).

A ideia inicia, dá abertura a criação e, por assim dizer, a um propósito. Nesse sentido, a ação, quando intervém no mundo, faz com que, por exemplo, uma faca de cozinha, por exemplo, não seja útil apenas para cortar alimentos, mas possa ser uma arma para defesa. As coisas podem até ser preexistentes na natureza, mas o seu significado somos nós que criamos a partir da ação realizada. Deste modo, a história como visão, que integra e orienta a ação, torna-se diferente de como, na antiguidade grega, se entendia o tempo governado pelos deuses. O “antes” e o “depois” não se caracterizam como aquilo para os deuses é o “todo presente”, mas podem ser vistos como figuras do tempo humano. No *Timeu* de Platão (1977, 37d-38b), o tempo é co-origenário do mundo, partindo dele as formas “era” e o “será” como eternos; mas isso de modo incorreto, já que, para falar do tempo, apenas falamos no momento do “é”, considerando que as outras formas apenas condizem com um passado que não existe mais e um futuro que ainda há de existir. No entanto, esses termos apenas subsistem para quem se desenrola no tempo, não para os deuses, que são para além.

O mundo, então, é um mar de significados, partindo não somente da nossa ação, mas da curiosidade que nos rodeia. Na verdade, se tratando de curiosidade, somos experientes. A criação das coisas no mundo que hoje vivemos e tanto destruímos, partem de um humano que questiona tudo que vê desde sua idade pequena e de um

outro que faz história para saciar o desejo indiscreto do saber. E tudo que antes era cinza ou apenas teoria, se torna vivido. A guerra é contada novamente através da tinta, construções, marcos históricos destruídos ou quase imemoráveis aos olhos, que se tornam agora monumentos erguidos em meio a construções modernas. E o “era” aqui está novamente, o que antes poderíamos pensar ser um passado distante, se torna presente, mas para qual propósito? Por que recriar o passado, se estamos emergidos na técnica, não sendo esta parte da cultura, mas a própria cultura?

Se interpretarmos a história como um estudo da política – no sentido aristotélico, sendo a ciência para a arte de governar e de organizar a vida na pólis – Veremos que a história é a política passada e a política é a história presente. A busca pela história traz-nos algo que, na idade da técnica, nos fora tirada: a identidade cultural. Como Galimberti (2006, p. 8) menciona em sua obra, a técnica não se preocupa em haver um objetivo, não se interessa em fazer sentido, não nos conforta, a verdade não a motiva, ela apenas funciona, e a partir desse funcionamento, ela se torna global.

Sendo a própria cultura, a técnica não se restringe mais as tecnologias, agora ela é a segunda natureza do homem (Soares, 2010, p. 59). Sem seus aparatos, o homem nada seria, por meio dela evoluímos, criamos, reconhecemo-nos enquanto humanos, desejamos e assim, produzimos. Quando falamos dela, não estamos nos referindo a criação da roda, ou das máquinas, mas algo mais interno, anterior a essas criações. “No caso, um dado arcabouço teórico ou filosófico, como a própria ciência, por aquilo que representa em termos de mobilização humana, é entendido – por Galimberti – como uma técnica.” (Ibidem). E com essa potência que a técnica fornece ao ser humano, cria-se, também, uma dependência. Afinal, quem não se interessaria por um instrumento que funciona para tudo? A técnica não é algo que passa por nós de forma concreta, mas ela deixa a sua marca em nossa psiquê, modificando nossas percepções a respeito do mundo e o significado de nossa existência. A sua funcionalidade traz consequências, pois ao mesmo tempo em que a estudamos, ela também nos estuda, nos percebe, estando a tal ponto presente que passamos a não mais observá-la no mundo com estranhamento. Não obstante, há aqui uma diferença fundamental a ser sublinhada. A técnica não carrega consigo uma dimensão essencial do ser humano: a técnica não morre.

### 3. O TEMPO DOS DEUSES E O TEMPO DOS HUMANOS

A pesquisa do historiador é de uma reconstrução dos fatos, como vimos. E só haveria, segundo Heródoto (1985) dois modos de se captar o passado. Em primeiro momento, pela visão direta, em seguida pelo que aprendemos de outros. Para se ater aos fatos de forma concreta, a visão (*ópsis*) seria a melhor forma de recuperar o passado para se ater ao presente. A palavra *tempus* conserva uma ideia de “temperar”, ou seja, ordenar o caos, ideia que está associada a palavra grega “*temmein*” (*τέμνειν*), que significa “cortar” ou “dividir”. A história

seria uma forma de organizar o tempo em segmentos entre o “antes” e o “depois” – claro que estamos falando, nesse sentido, na história desde a perspectiva do historiador, que observa o tempo pelas partes de um mesmo todo. A história nasceria, então, junto ao logos, pois nasce no ato de sua narração a partir de um discurso estruturado, um desenho formado, um raciocínio criado, organizando o tempo de forma espacial e temporal, fazendo com que o passado esteja a luz do sol.

A história, então, nasce junto com o logos, nasce no ato mesmo da sua narração, nesse presente espacial e temporal que transforma o passado em história, tornando-o visível mediante o relato que o presente faz dele. Mas, a narração relata a própria representação, não o que é desvelado ao olhar de um deus, mas uma articulação desse desvelamento. (Galimberti, 2006, p. 574).

A sucessão dos deuses leva a reconhecer que o novo sempre vencerá o passado no contexto do argumento galimbertiano. Entretanto, o tempo sempre terá sua estrutura para os deuses de modo cíclico, sempre retornando ao começo, ao progenitor. Há sempre um pai que suprime algo, e com o passar da história, um filho que, em um ato de justiça, toma seu lugar.

Observamos uma dicotomia intrigante na representação do tempo. Nas histórias dos deuses, encontramos um padrão recorrente de rebelião contra os pais, seguido por uma ruptura que, por sua vez, leva a uma repetição cíclica dos eventos. Já nas histórias dos mortais, o tempo assume uma trajetória linear, permitindo a repetição de padrões do passado, mas jamais de forma idêntica.

Para expressar essas questões, que exigem um transcender da linguagem, a poesia é de suma importância. Galimberti afirma que “o poeta grego canta para descrever a ordem divina que é anterior ao tempo” (2006, p. 577), afastando-se do Olvido (esquecimento) e cada vez mais próximo da Memória. Torna-se clara a diferença entre o poeta e o historiador, pois o historiador apenas se conecta ao que foi esquecido para recordar, e o poeta se apegava à memória para escrever o que talvez jamais tenha sido existente. Como afirma Aristóteles na Poética (2008, p. 54, 1451b):

Pelo exposto se torna óbvio que a função do poeta não é contar o que aconteceu, mas aquilo que poderia acontecer, o que é possível, de acordo com o princípio da verossimilhança e da necessidade. O historiador e o poeta não diferem pelo facto de um escrever em prosa e o outro em verso (se tivéssemos posto em verso a obra de Heródoto, com verso ou sem verso ela não perderia absolutamente nada o seu carácter de História). Diferem é pelo facto de um relatar o que aconteceu e o outro o que poderia acontecer.

Ao se apegar a memória, o poeta passa a trazer para o mundo físico características do campo divinatório, afastando-se do Olvido (Léthe). O poeta, estando mais próximo do divino, torna-se íntimo do tempo dos deuses.

Aquele tempo em que não se concretizou no passado, mas no tempo originário. E o princípio se encontra nas Musas, que com seu tempo, em Homero, sempre estão presentes. Assim, quando Homero canta “Dizei agora, ó Musas, que habitais o Olimpo, / nós escutamos a fama, mas nada vemos” (2005, I, vv. 484-486), ele se refere à incapacidade dos seres humanos de não olharem o tempo em seu devido presente, indicando que o tempo humano não se encontra na temporalidade das Musas.

Para investigarmos a condição humana através da técnica, é preciso saber como que o ser humano se desenrolou na história. Galimberti, utiliza da literatura para explorar questões da psiquê humana. Heroísmo, honra e destino são conceitos dos quais se utiliza para desvendar de que modo o ser humano passou a utilizar a técnica para adaptar a natureza ao seu mundo. Os homens deixaram de pedir aos deuses respostas e passaram a criar as suas próprias.

Para Galimberti (2006), a tecnologia representou a despedida do humano com o divino. Com a tecnologia, os homens pararam de pedir aos deuses o que precisavam e começaram a criar novas formas de viver por meio da tecnologia. Essa mudança representou a capacidade de usar a razão para moldar a natureza, para satisfazer suas necessidades diante de sua insuficiência biológica. (Artica; Almeida; Gheldin, 546).

A técnica ludibria-nos com sua funcionalidade e eficiência, ao passo que nos libertamos dos deuses, também nos desvencilhamos das vestes do tempo. A memória poética permite-nos dançar entre dois mundos, o mundo dos mortos, sendo eles o passado dos deuses, relacionado com permanência e ordem, e o mundo dos vivos, associado ao movimento, denominado por “geração de ferro”, caracterizada por sofrimento e degradação, de acordo com Hesíodo. Com a experiência de dois mundos, adquirindo a ciência e a técnica, o homem passa a captar o mundo pelo pensamento, no saber e no entender, conceitos próprios da técnica, julgando serem sábios os que dominam a técnica. Por exemplo, pensemos na diferença entre alguém que constrói um barco porque tem fascinação por isso e o que o constrói porque é um engenheiro naval. O segundo considerará para que servirá o barco, em quais águas irá ser navegado e a distância a ser percorrida em léguas marítimas. A técnica é ampla, servindo para sentidos diversos, mas o que faz dela planetária é a habilidade de saber-fazer usando a razão.

Na concepção mitológica grega, o tempo dos vivos e mortos contrastam em uma dualidade. Os mortos são presididos pela Verdade, enquanto os vivos encarnam o esquecimento, implicando em uma transição do mundo estável e eterno para o mundo mutável e finito. Na *Ilíada*, em especial nos registros dos cantos poéticos, a celebração dos deuses e heróis são mencionadas em dois momentos, reforçando suas aventuras e guerras, deixando vivas as suas memórias. Assim, Galimberti reflete em sua obra: “(...) os deuses habitam esse tempo, que é o reino do imutável, a que a memória do poeta remete com o seu canto, o qual

estende o esquecimento sobre o insensato fluir da aventura humana.” (Galimberti, 2006, p. 579).

Na tradição judaico-cristã, há uma mudança considerável da perspectiva sobre a história. A escuta (shemá) evidencia a história enquanto movimento, passada de um humano para outro. E em meio ao verbo, são transmitidos suas tradições e ritos. A escuta é uma das formas mais antigas de se presenciar a Alteridade. Escutar é passar para o Outro uma parte de si, é revelar o passado, saudar novamente as sensações do presente que não mais estão aqui, é virar a página já lida para continuar a história, mas não mais com as mesmas palavras. Assim, como menciona Galimberti (2006, p. 581): “Nasce a história, não como exclusiva aventura humana, mas como resposta à Alteridade que se anunciou e cujo sentido não se envolve na apresentação que os homens fazem dela.”

Ao contrário do que muitos pensam, a escuta bíblica não é apenas a reprodução das palavras de Deus, não se trata de passar a palavra de forma a copiá-la, mas de fazer com que, ao longo do tempo dos homens, até o último dia, haja uma recriação que salvará o sentido primeiro que se inicia com a palavra de Deus: a Alteridade. “O ser humano sempre passa por alguma experiência ou contato com algo, que traz em si uma força ou significado que foge ao mundo da razão.” (SILVA, 2013, p. 12). A tradição bíblica, então, nos leva para uma nova convicção, de que o tempo do ser humano não tem um sentido já inscrito a partir da origem do tempo. O homem não se caracterizaria mais como um tempo circular, uma ciclicidade do tempo.

Há duas formas de se descrever o tempo segundo a Bíblia, que trazem uma nova orientação ao modelo grego: a perspectiva escatológica e o tempo como futuro absoluto. Em comparação ao tempo cíclico, que sempre retorna para si mesmo, o escatológico tem em sua contingência a finalidade enquanto meta, o final é o ponto principal para tudo que nele se tornar história.

Em vista do fim que aparece no final, a perspectiva escatológica confere ao tempo essa dimensão qualitativa que transforma o puro devir em história. Olhar o tempo como história só é possível dentro da perspectiva escatológica, na qual o primado do fim (meta) sobre o final irradia sobre o tempo a figura do sentido. Enfim, cumpre-se aquilo que no início fora anunciado. (Galimberti, 2006, p. 581).

Na finalidade do fim, o apocalipse (apokálypto) significa “des-ocultar”, “desvelar o oculto”. O apocalipse, então, tem em seu sentido desvelar o que ficou oculto na ação do tempo, sendo possível vermos o desvelamento da história como tempo em seu próprio sentido. “Como tempo do final o éschaton (que na direção do espaço significa “distante”, e na direção do tempo significa “último”) é apocalipse.” (Ibidem, p. 582). Diferente da tradição grega, a tradição bíblica desvela uma temporalidade como futuro absoluto, que em meio a uma luz de esperança e expectativa, atinge o tempo na Terra indo além de toda possibilidade cognoscitiva, sendo apenas acessível pela fé. Por efeito de um futuro absoluto, a tradição bíblica revela

um futuro que não mais se realiza em detrimento do passado, mas age seguindo o seu próprio sentido.

Mediante o esgotamento da fé cristã, a ciência moderna toma um novo lugar de domínio da natureza, distanciando-se cada vez mais da ideia de Deus. Ao assumir progressivamente o próprio papel de Deus, a razão torna-se legisladora, significando que agora quem responderia às questões humanas não mais seria a natureza, mas a ciência. Essa ideia de progresso faz com que pensemos fora de um futuro cíclico (divinatório) e passemos a olhar o futuro de forma linear, sem voltar para estados anteriores. Assim, segundo Galimberti em sua obra *Rastros do Sagrado: O cristianismo e a dessacralização do sagrado* (2003, p. 26) expõe:

(...) na era moderna, o esquema da história da salvação perdeu o seu conteúdo religioso, mas não a sua forma; (...) transfere-se para a teoria do progresso, (...). Apresentam-se como figuras de libertação, e, portanto, como formas secularizadas da escatologia da salvação, a ciência, a utopia e a revolução, cada uma com as suas variantes (...), mas conservando o esquema cristão que prevê o passado como mal, a ciência como redenção e o progresso como salvação.

Nessa perspectiva, o ocidente está abandonando o sagrado, estando cada vez mais perto de descrever a face dessa fé como um mito, um rito de uma coletividade à parte, se tornando individual. E assim, com o avanço da ciência, conhecer, agora, não significa mais contemplar o divino, mas dominar. Assim, a técnica é um instrumento de grande eficiência para alcançar tal posição, incorporando uma utopia, que projeta, em sua eficácia, o domínio da natureza.

Utopia, mesmo que não tendo um lugar de fato no mundo para arquitetar as suas ideias projetuais, se torna infinita com as suas possibilidades. E era isso que bastava para que a projeção se tornasse parte primordial para a história moderna, no sentido de que a questão não seria mais a realização do projeto da modernidade, mas a de instaurar a projetualidade como sentido de tempo e forma. Apesar de os tempos serem outros, o modo de pensar no ocidente ainda tem algum fundo religioso. No sentido utópico, a ideia de culpa, redenção salvação – aspectos tirados da religião cristã – possuem novos aspectos distintos dos antigos. O passado aparece como mal, a ciência como redenção e o progresso como salvação.

O tempo como história em uma perspectiva judaico-cristã torna-se a caminhada para a revelação. No princípio do fim da história, em meio a uma concepção cristã por uma ideia escatológica, se inicia a fase da encarnação de Cristo e, por assim dizer, o começo do fim da história. Com a perda do sentido da história, também se inicia uma perda de crença em Cristo, em uma consciência histórica secularizada.

Com o início do fim da história, instaura-se a era do tempo depois de Cristo, com a emergência de um futuro incerto, em cuja direção a história não tem mais um significado predestinado. Agora, a ideia de salvação não mais se encontra em Cristo, estabelecendo-se uma nova

ocupação da racionalidade técnica no lugar da fé, fazendo com que a história perca o seu sentido absoluto, sendo vista como um processo contínuo, sem propósito ou julgamento final.

Segundo a perspectiva de Galimberti (2006, p. 590), o futuro não é mais visto como um objetivo a ser alcançado, mas algo a ser consumido de forma rápida, passando a ser apenas um instrumento na era da técnica. A história torna-se, assim, apenas um processo ansioso para termos uma sensação momentânea de saciedade do que poderia ser chamado de realização dos meios técnicos.

Perante a era moderna, o cristianismo não foi reconhecido com bons olhos, sendo visto como um negador dos avanços científicos, um negador do futuro. As grandes descobertas nos tempos modernos entraram em conflito com as crenças da igreja, sendo olhadas com desconfiança e, até mesmo, heresia. Assim, como resultado de um regresso, a figura de Deus foi sendo vista como uma representação do inimigo do progresso. Por outro lado, é preciso sublinhar que o cristianismo ultrapassou o sentido mitológico da religiosidade greco-romana. Agora os olhares dos humanos estão voltados ao que está por vir, abandonando o que poderia vir a retornar.

No contínuo entre o passado e o futuro, existe uma distinção, o “tempo histórico”. À medida que o tempo avança, surge um novo período, colocando em crise a concepção tradicional de tempo, onde o futuro se torna cada vez mais o presente. Nesta transição, o presente rapidamente se converte em passado. Portanto, o crescimento de um futuro cada vez mais fugaz leva a uma transformação significativa do mundo, impulsionada pelo desenvolvimento técnico. Isso resulta em tempos cada vez mais breves, exigindo que cada nova experiência seja mais rápida e se assemelhe às anteriores.

#### 4. A IDADE DA TÉCNICA E A HISTÓRIA

Observamos que a história, perante o tempo provido de sentido, não depende apenas da descrença crescente na fé judaico-cristã, mas também do fator que a era da técnica traz consigo. A fé que descrevemos nesse contexto deu aos seus crentes a confiança na continuidade histórica. Nada mais é definitivo, imutável ou incorrigível.

De acordo com esta leitura, “A técnica é tão antiga quanto o homem, da mesma forma que a “sabedoria”. Ela aparece com a fabricação de instrumentos, o que nos faz concluir que surge com o aparecimento do homem na face da terra. A fabricação da pedra lascada corresponderia um saber fazer, uma técnica” (Oliveira, 2008). Em meio ao processo que conduziu a técnica, de instrumento à finalidade do ser humano, a história perdeu o seu lugar no tempo e deixou de ser um horizonte de sentido – já que não mais importa nessa era o estudo de uma documentação sistemática –, dissolvendo-se no insignificante fluir do tempo.

Retomemos um aspecto, entretanto. A técnica é um processo passado de geração em geração é surpreendente quando nos lembramos que o conhecimento técnico só foi passado porque tínhamos a crença sobre algo que os deuses nos transmitiram. O fogo que foi roubado por Prometeu para nos presentear e fornecer o conhecimento para termos a capacidade de progredir e evoluir, ainda é

uma figura mitológica presente em nossa cultura. Vale igualmente sublinhar o exemplo dado por Milton Vargas de que a alquimia, que misturava pensamento mágico com práticas experimentais, foi o que evoluiu para a química moderna.

(...) Todas as técnicas tiveram origem mágica. Desde o arado que penetrava a mãe Terra para fecundá-la e que, portanto, tinha a forma de um falo, até a medicina grega originária do deus Asclépio – que curava os doentes durante o seu sono – passando pela forjaria e a tempera dos aços das espadas árabes – em que os cavaleiros arrebatavam as espadas das forjas, e as temperavam e brandiam-nas contra o vento combatendo espíritos. (...) A transmissão dos conhecimentos técnicos de geração a geração foi também inicialmente feita como segredos revelados pelos deuses e, portanto, a uma corporação. De uma forma positiva, entretanto, pode-se pensar a invenção das técnicas e a sua transmissão de geração a geração como baseado num instinto esclarecedor inato ao homem – a partir, talvez, do inconsciente. (Vargas, 1994, p. 19).

É nítida, portanto, a semelhança original entre a técnica e a mágica, pois tanto uma quanto a outra estão associadas a um mesmo propósito; transformar, ou se preferirem, moldar a natureza a seu favor para modificar o curso do mundo. E assim como na religião, temos a crença em um deus ou mais, na técnica, direcionamos a crença em sua funcionabilidade. Não estamos preocupados com o aspecto histórico que o tempo antes trazia, perdemos a continuidade e a ciclicidade que incorporava na temporalidade, tomando o lugar da natureza uma profunda desorientação. Galimberti em seus escritos mesmo cita que “O tempo não só não é mais histórico (porque os lugares destinados a conferir à história sua limitada direção, ou seja, a ideologia, a política, a ética, a religião, só existem em subordinação ao fazer técnico) mas também não é mais cíclico (...)”. (Galimberti, 2006, p. 593).

Hoje, se Platão estivesse vivo, presenciaria o que séculos atrás acusava: não buscamos mais a episteme, mas a techné. Assim como saber de filosofia não torna ninguém filósofo, especializar-se em alguma área não faz do especialista alguém vocacionado para ela. A techné nada mais é do que um saber empírico sobre um objeto, acumulado por meio de ensinamentos passados de geração em geração, criando-se, com isso, uma espécie de conhecimento. Contudo, não falamos aqui do conhecimento verdadeiro vindo da episteme, mas de uma produção.

Galimberti fez um paralelo em seus escritos entre a evolução a técnica e a decadência do progresso com a aceleração do tempo:

Nós vivemos na pura aceleração do tempo, que consumando com crescente rapidez o presente, tira também do futuro o seu significado prospectivo, e por isso não é mais possível falar de progresso, que é o avançar dentro de um

horizonte de sentido, mas, simplesmente, como fazem os economistas, de desenvolvimento ou de crescimento, ou seja, de um processo evolutivo que se diz tal em referência aos estágios anteriores, sem nenhuma referência a juízos de valor. O tempo perde o seu traço qualitativo: o futuro não é mais o tempo da esperança, no qual está o remédio para os males do passado, mas se torna só o tempo que vem depois do presente, naquela sucessão serial do tempo visualizado só sob o perfil da quantidade. (Galimberti, 2006, p. 592).

Na era renascentista, tomamos conhecimento da “tecnologia”. A instituição de uma “ciência renascentista” não mais se diferencia do conceito de *techné*, que se torna uma condição fundamental para a ciência moderna, já que foi com a sua ajuda que a burguesia das cidades medievais atingiu o ápice com as atividades agrícolas, atrelagem, tecelagem e navegações que vingavam em seu meio.

Nessa nova era, as máquinas não se encontram mais nos animais, que no medievo eram vistos como auxiliares do ser humano. Agora, nós somos as máquinas, ansiando pelo domínio da natureza como resultado de uma mudança na ciência. Quando falamos de tempo em nossos dias, estamos nos referindo à velocidade com que a matéria humana se promove, sempre olhando para a frente, não necessariamente em busca do aperfeiçoamento dessa matéria, mas da transformação. É nesse momento em que a lentidão do espírito descrita nos escritos de Hegel se faz presente nesse estágio da filosofia de Galimberti.

Para Hegel, a estruturação da tecnologia no futuro será condicionada, não exatamente pela posse de bens, mas de instrumentos, pois os bens são consumidos, enquanto os instrumentos são capazes de produzir novos bens. (Artica, Almeida, Gheldin, 2023, p. 549).

É possível observar que quando falamos de lentidão do espírito e velocidade da matéria, são dois conceitos que, juntos, desenvolvem contrapontos. A lentidão do espírito é um movimento dialético, significando que progride através de contradições, e como consequência dessas contradições, se inicia a transformação. Esse processo é lento, pois exige atenção para a superação de etapas e diferentes experiências. A lentidão, portanto, é necessária para a manifestação do espírito ou da consciência ao longo do tempo. Tal concepção, de um desenvolvimento lento do espírito, contrasta com o mais imediato, como a velocidade da matéria, reforçando que o crescimento espiritual e intelectual exige tempo e reflexão, em polo oposto à velocidade que a matéria incorpora.

Como vimos até aqui, a técnica exerce sua influência quando falamos de tempo e, conseqüentemente, de história. Ela molda o tempo através do trabalho material, projetando nele seus resultados. Contudo, estes não são resultados únicos, mas sim replicáveis, podendo ser transmitidos de geração em geração. Esse processo desvia nossa atenção do que antes estava no centro do pensamento

evolutivo: o ser humano é agora ele mesmo substituído pela técnica.

O ser humano, com sua razão, dava sentido e direção à história. Entretanto, com a técnica dominando a história, passamos a considerar os eventos históricos como projeções temporais objetivas, desprovidas da subjetividade humana e perdendo a ciclicidade (tradição greco-romana) ou o sentido escatológico (tradição judaico-cristã) que antes a caracterizava. Galimberti expressa esse momento de ruptura de forma muito clara:

Mas se promover o tempo é trabalho da matéria, então a técnica, que consigna ao tempo os seus resultados (os seus modelos de primeira, segunda, terceira geração), então o pressuposto antropológico, que visualizava o homem como sujeito da história, e a “astúcia da razão”, que delineava o seu perfil qualitativo, têm que entrar em crise, envolvendo na sua crise toda a leitura projetual da história. De fato, não se dá projeto sem referência a um sujeito, assim como não se dá subjetividade sem um horizonte projetual em que ela possa descrever.

Com a técnica suprimindo a centralidade do sujeito humano na narrativa histórica, inicia-se o fim da história. A técnica com seu impulso de movimento contínuo e efêmero, transforma a história em uma série de momentos comuns quantitativos ao invés de significativos e qualitativos. “A razão se liberta da sobrenaturalidade e é impulsionada pelas necessidades colocadas pelos novos modos de se construir a vida, novos esquemas de pensamento – quantitativos e experimentais – e novas práticas: técnicas, financeiras, comerciais – foram criadas as condições para o surgimento, também de novos métodos e novos saberes” (Oliveira, 2008, p. 6). Essa percepção que temos da história por meio da leva-a a uma quantificação e a uma projeção sistêmica, substituindo o papel do sujeito na história, de modo que este deixa de ser este histórico como indivíduo, classe, povo e, até mesmo, nação. Assim, a história perde sua conexão com a lentidão do espírito que o homem incorporava para ser um reflexo do trabalho material, marcado por uma era manufatureira, isto é, um sintoma causado pela velocidade da matéria. Inicia-se, então, o fim da história, e como Galimberti mesmo expõe, o ser humano não está mais projetado na centralidade, deixando de ser ele sujeito na própria história:

O fim da história, como tempo dotado de sentido tomando vão o espaço da projetualidade, destitui da sua centralidade o homem, que, a essa altura, não é mais sujeito da história qualitativamente caracterizada, mas fator do tempo, suscetível só de uma mensuração quantitativa. E como nos albores da época moderna a natureza, sob o olhar da ciência, exclui todas as projeções antropológicas – que haviam encontrado na alquimia a sua exuberante expressão – para se tornar pura quantidade mensurável, assim a história, sob o olhar da técnica, perde qualquer conotação qualitativa ligada a um presumido sujeito histórico (indivíduo, classe, povo, nação, humanidade) para se tornar tempo rimado pelo trabalho da matéria marcado pela importância do espírito. (Galimberti, 2006, p. 593).

Trazendo Marx para este debate, Galimberti conduz-nos, ainda, a uma outra questão. Quem escreveu pela primeira vez a história que hoje conhecemos? A historicidade é dotada de sentido não meramente pela concretude dos eventos que criaram a história, mas pelas pessoas que lá estavam no quando cada fato se tornou histórico, criando o sentido que faz a historicidade atribuir significado para além do tempo e espaço, sendo capaz de estar no passado, mas ao mesmo tempo no futuro. Se a história, no entanto, partiu de uma história de classes, onde se encontra o proletariado ditando a sua história? Seria injusto dizer que o proletariado não participou da história que hoje debatemos, mas a construção narrativa não fazia parte de seus domínios. A aculturação desempenhou um papel na formação daqueles que constituíam a força de trabalho, mas estes indivíduos não foram incluídos na construção dessa aculturação ao longo da história, uma vez que o progresso do conhecimento estava reservado exclusivamente à burguesia.

Uma tal realidade de classe, na idade da técnica, estende-se à toda humanidade. Com a prevalência da técnica sobre o ser humano, agora como artifício central da matéria, não somos mais sujeitos da história, passando a ser um estado consequente da co-historicidade. Com a perda de sua posição central, o homem ainda se prende em crenças do passado para atribuir sentido à vida contemporânea e direcioná-lo novamente a um espaço de sujeito da história. “A contemporaneidade é marcada pelas tecnologias. Diante disso, podemos concluir que a técnica desenvolvida a partir de sua fundamentação na ciência é um instrumento indispensável para a sobrevivência do homem, assim como foi em suas formas primitivas.” (Oliveira, 2008, p. 9).

Na era da técnica, não há mais passado como memória histórica. A técnica não tem a capacidade de observar o passado como fonte de sabedoria, considerando-o apenas um meio retrógrado de se conseguir algo, já que sua única fonte de memória válida se reporta a seus próprios métodos para cada vez mais aperfeiçoar os seus aparatos técnicos.

A única memória que resta de um tempo esquecido pelo passado é o que a técnica nos proporciona. O homem dependente desses procedimentos torna-se a-histórico, pois, inserido nessa era, não tem nenhuma memória, se não as que são fornecidas pela técnica, não existindo nessa concepção o ontem, portanto, nenhuma fonte consistente que faça do agora algo imperecível, não garantindo nenhuma continuidade histórica. Galimberti indaga que “como História do cancelamento instantâneo do presente e do passado, não só o espaço da memória, mas também o da experiência, se reduz, e com ele o espaço projetual que reservado à técnica e não ao homem.” (Galimberti, 2006, p. 595).

A afirmação de que estamos na “idade da técnica” não significa falarmos de um período histórico no qual a técnica é hegemônica, mas no instante da história em que ela compreendeu a si mesma, não pela narrativa que estava instaurada na história – a nossa –, mas pelo espaço interpretativo criado que se desvinculou da história. Assim, não se trata mais de um conjunto de ferramentas e

procedimentos, mas de um novo viés a partir do qual representa muito mais do que técnica: o seu poder absoluto.

O ser humano passa, então, a não se compreender mais a partir dos grandes ciclos históricos, deixando de lado a historicidade. Isto é, o ser humano não se encontra mais circunscrito ao horizonte histórico tradicional, mas está imerso em um horizonte de experimentabilidade ilimitada, velocidade e manipulação infinita.

É importante ressaltar que nosso papel não é demonizar a técnica ou colocá-la em uma posição que não lhe cabe, mas reconhecer que os tempos mudaram, e que ao contrário do que muitos pensam, a natureza humana nunca foi estável e intacta. E por ser o contrário disso, que a técnica se instaurou em nossa sociedade, resignificando a forma como o ser humano se conecta com o mundo e as pessoas. Tal mudança rompeu o modo como o ser humano olha para a natureza, e ao invés de deixá-la como esta, hoje tem a tendência de modificá-la evitando a conformidade com a natureza.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a tese de Galimberti sobre a técnica e seu impacto sobre a história, tempo e experiência humana, um primeiro ponto que se destaca é a afirmação de que a técnica deixou de ser uma mera ferramenta e passou a moldar e redefinir nossa própria existência e a forma como concebemos o tempo, o progresso e a história.

Diante disso, a “idade da técnica” descrita por Galimberti é um recorte de como a técnica se tornou central na vida humana, sendo capaz de substituir a historicidade da narrativa que a história construiu desde seu início. Com essa mudança, é possível perceber que a técnica, em detrimento de sua eficiência e funcionalidade, dilui a subjetividade, tomando o lugar do próprio ser humano e tornando a história uma mera sequência de eventos quantitativos e desprovida de um horizonte de sentido, que antes, é claro, guiava a ação e o pensamento.

Assim, na idade da técnica, percebe-se o tempo de maneira fragmentada e momentânea, reduzindo nossa capacidade de compreender o passado como algo significativo e transformador. Com isso, o ser humano deixa de ser um sujeito central da história, passando a desempenhar o papel de um subordinado aos meios técnicos, projetando continuamente para o futuro tecnificado.

Ao discutir a relação entre o tempo e a técnica, Galimberti alerta-nos para a tendência contemporânea de encarmos o futuro como um bem a ser consumido rapidamente, sem sobrar espaço para reflexões profundas ou algum aprendizado que seja que parte do passado. A história deixa de fazer parte da nossa sociedade. Observamos isso ao analisar que a experiência histórica perdeu ao longo dos séculos sua habilidade transformadora, sendo percebida apenas como uma efemeridade no qual o único objetivo de ainda estar aqui, mesmo que de forma passiva, é ser superada rapidamente.

Nesse sentido, de acordo com Galimberti, o domínio da técnica não apenas reformula a identidade humana, mas redefine a nossa cultura, já que a técnica não serve para preservar nossas tradições e narrativas, mas priorizar a funcionalidade e o progresso mensurável. Essa

reflexão leva-nos a uma análise crítica sobre a relação entre natureza e humanidade. Se no passado o ser humano se encontrava próximo a moldar a natureza de acordo com suas necessidades e valores, na era da técnica, a natureza se torna apenas um objeto a ser manipulado e explorado.

Não obstante, não nos parece que a idade da técnica descrita por Galimberti não nos deixa mais nenhuma saída. A técnica, apesar de sua predominância, excelência e amplitude, ainda assim não carrega a chave para compreender a complexidade humana. É possível, ainda, que se busque um equilíbrio entre os avanços técnicos, proporcionando uma consciência crítica e um distanciamento da estrita homologação funcional da técnica, valorizando as dimensões humanas da memória, história e cultura. É o que torna possível preservar a profundidade do espírito humano em meio a transformação acelerada do mundo proporcionada pela técnica.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- ARTICA, Andrea; ALMEIDA, Sandra Rejane Viana de; GHELDIN, Evandro. “Relação entre técnica, ciência e tecnologia: um olhar filosófico de Habermas e Galimberti”. In: **Rev. Eletrônica Pesquiseduca**, vol. 15, nº 39, 2023, p. 544-558. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/issue/view/128>.
- GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e Techne: O Homem na Idade da Técnica**. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Rastros do sagrado: O cristianismo e a dessacralização do sagrado**. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- HERÓDOTO. **História**. Trad. Mario da Gama Kury. Brasília: UnB, 1985.
- HOMERO. **Íliada**. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005.
- OLIVEIRA, Eva Aparecida. “A Técnica, a techné e a tecnologia”. In: **Rev. Eletrônica Ítinerarius Reflectionis**, vol. 4, nº 2, 2008. DOI: 10.5216/rir.v2i5.510. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/20417>.
- PESSOA, Rodrigo Rizério de Almeida. “Da Ambivalência Simbólica À Equivalência Geral: O Corpo Em Umberto Galimberti”. In: **Outragem: Revista de Filosofia**, vol. 5, nº 8, 2018, p. 275-291. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/outramargem/issue/view/676>.
- PLATÃO. **Diálogos**. Vol. XI. Timeu – Crítias – o 2º Alcibíades – Hípias Menor. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará:1977.
- SCHWARTZ, Suzana. “**Aprendizagem: questão de ritmo?**” In: ABRAHAO, Maria Helena M.B. (Org.)

Professores e alunos: aprendizagens em comunidades de prática educativa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 1-18.

SILVA, Alcione Carvalho da. **O sagrado e o Profano na Autonomia do Homem Moderno**. Dissertação de Mestrado em Teologia. Programa de Pós-Graduação em Teologia. Porto Alegre: PUCRS, 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. “Educomunicação e terceiro entorno: diálogos com Galimberti, Echeverría e Martín-Barbero”. In: **Comunicação & Educação**, vol. 15, nº 3, 2010, p. 57-66. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/44845>.

VARGAS, Milton. **Para uma filosofia da tecnologia**. São Paulo: Alfa-Omega, 1994.